

72823



CARO

60/16  
BIBLIOTECA



68341

: Revista de Coimbra :





CARO, *filho de Dédalo...*»

O mito clássico, vivendo intimamente no desejo humano, revelou-se em nós, nos que tentam, orgulhosos da rubra ansiedade da vida, ascender em Beleza, em Perfeição e Orgulho. Sob o ceu heleno, cheio de uma graça idílica e serena, o vôo icário tinha uma harmonia escultural, e o seu ritmo — a aspiração das asas quiméricas — bemdizia a vida, ansiando para a sua beleza uma mór beleza. Cantado em versos de uma académica serenidade, nós seguimos as suas máximas e o nosso desejo de revelar, de anunciar novas formas de Sonho e de Beleza, continúa a antiga ânsia imperfeita e humana. Como fantasmas de estrêlas, dentro de nós erram as saúdades de uma vida maior, esplêndida e heróica. E embora o vôo ansioso se malogre, sempre as asas frágeis e mutiladas conservarão o mesmo frêmito aventureiro — aspirando à Beleza, ao Sonho e à Vida.





: CANÇÃO DO :  
AMOR ENLOUQUECIDO

**F**ECHEI os olhos... Fui... Adormeci..  
O mundo se desfez em nevoeiro,  
Disse-te adeus! e nunca mais te vi!  
Foi o sôno primeiro e o derradeiro...  
Morri... Morri... Morri...

Quem me cobre de rosas e de lírios?  
E quem me beija a fronte repousada,  
Tão amarela e fria, à luz dos círios?  
Que voz me fala assim toda molhada?  
É êle! É êle! É êle! — que eu morri...

E eis que os mouros vieram da Mourama,  
E de setas meus seios trespassaram!  
Noutra Alcacer-Kibir me trucidaram!  
Morri! Morri! Morri!

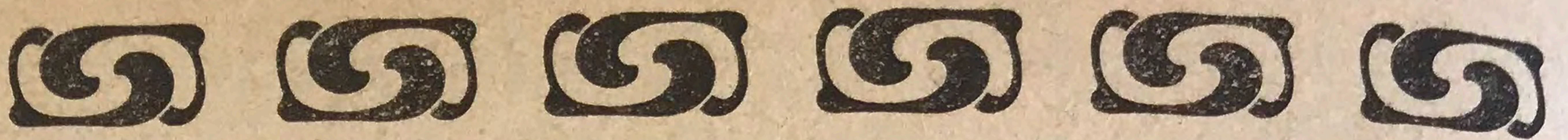


E quem minha lembrança guarda e ama?  
Quem a veste de lágrimas e beijos?  
Quem do mundo responde aos meus desejos?  
É êle! É êle! É êle! que eu morri!

E quem se abraça doido ao meu caixão?  
E quem grita por mim, numa aflição?  
E quem me diz um sempiterno adeus?  
É êle! É êle! É êle! — que eu morri...  
Já sinto a terra fria e sinto Deus!

TEIXEIRA DE PASCOAES.





: MATINAS :

**B**EATA Beatrix — como eu a crismára, entre beijos — teve nessa manhã lúcida e esplêndida o capricho de visitar o claustro gótico, onde uma fonte cantava uma lôa contente e humilde. Maravilhosamente vestida de negro, duma elegância melodiosa e simples, um longo véu imprimindo uma graça quási monástica, Beatrix, ao entrar no claustro, aspirando com delícia o ar puro de hôrto cristão, disse :

— Aqui, certamente os beijos teem um outro sentido e as almas, quando se juntam, são como duas chamas erguendo-se irmanmente na mesma resa devota.

Os seus olhos, onde a vida sempre se revela com uma graça enamorada e doce, duma séria tristeza, tinham nesse momento uma alegria infantil. Beatrix tem uma alma delicada e melindrosa que eu sempre comparo, pela sua ténue religiosidade, a uma chama de círio ardendo entre crisântemos bizarros; mal posso explicar a mim próprio esta sugestão singular, tão íntima e expontânea, surgindo paradoxalmente na primeira vez que a admirei. Beatrix é uma dôna frágil, seguindo cegamente as regras despóticas de Paquin, e conservando, no entanto, a alma humilde, sequiosa de espiritualidade, duma noviça... É loira, alta, um andar senhoril de princesa, as mãos longas de modeladora de máscaras de cêra. Ela possui delicadezas capciosas e subtis, os seus olhos verdes, dum aluci-



nante verde-esmeralda, dir-se-ia transfigurados dès o momento irreal em que viram a nerêsa visão duma cidade em lavareda... Minha inspiradora adorável, com dolências luarosas de madona botticellina, ela guarda nas palmas das suas mãos, assim como uma litúrgica flôr, a bênção baptismal que me unge e me acompanha perfumosamente. Os seus olhos, saudosos de esmeraldas perversas, veem-me de longe, numa distância de luar glauco que me impressiona.

— Oh! como ficarias admirável num habito de monja! exclamei ao vê-la de perfil, na gravidade suntuosa de sua *toilette* negra, envôlta pela luz doce, fluida, e duma espiritual transparência dessa manhã maravilhosa.

Adivinhava que seu espírito frívolo, cheio de galantes futilidades, se embebia na alegria puríssima, casta e virginal do momento religioso.

As suas mãos longas, veladas nas luvas negras, estariam absolvidas de todos os gestos enamorados de oferecer. E porque razão, ao vê-la assim dum doairo esvelto e principesco, duma elegância tão simples e sábia, me alembrou Thaïs, maravilhosa na sua belesa helena de ninfa, perturbada da saudade de sua infância, e do mistério angustiante da vida?

Surpreendidos pela nossa presença, alevantando um vôo alacre, pardais fugiram dum incenseiro em flor, que enchia o claustro de aromas como um turíbulo nupcial. O claustro nessa luz azulada e doce, que descia dum místico ceu esmaecido, tinha uma unção religiosa e branda, jocunda e sorridente, que mergulhou na minha alma como um lírio lançado numa cisterna. Foi duma lírica comoção a reza que ergui espiritualmente, acompanhado de Beatrix, que com místico alheamento comungava a prece flébil dessa hora devota. Passeando, no encanto da luz e dos perfumes monacais, com uma alegria comovida, nós fomos tecendo os nossos louvores a tudo o que era duma graça mística e humilde: o jardimzinho conventual onde floresciam magnólias e violetas, o tanque mascarado duma luz radiosa, as penumbras húmidas de azulejos ingénuos...

— Vê — disse a Beatrix, entrelaçando as suas mãos nas minhas idílicamente, quando estávamos sentados num banco de pedra lavrada — vê como o nosso amor, longe do mundo, tem uma graça enamorada e cristã, uma alegria comovida onde canta o ritmo religioso da Vida e de Deus. As nossas almas



foram feitas por Deus para viverem, em gêmea pureza, num pomar paradisiaco, esplêndido e bemdito, frutificando eternamente numa aurora maravilhosa, duma serenidade extática e divina. Como duas fontes claustrais, as nossas bocas só sabem beijar na penumbra recolhida e mística...

Beatrix ofereceu-me com um geito amoroso e encantador a sua boca golpeada de sangue, onde um ofertante e perene beijo floresce. Esse beijo amorável e longo, que longo tempo prendeu os nossos lábios, foi uma prece em que as nossas almas comungaram numa beatitude luarenta, cheia dum penitente espírito idílico. Os seus olhos verdes fixavam-me com uma insistência hipnótica e com prazer enamorado fui beijando as suas pálpebras, que se cerraram, num desmaio, sôbre o perturbante sonho de febre das suas pupilas embruxadas. Vinha a luz esplêndida invadindo todo o claustro num imaterial e bíblico vôo, onde o meu espírito se dissolvia num êxtase feliz, como um perfume mais religioso do horto monacal. O claustro, como uma capela panteista, guardava nas suas penumbras alacrizadas da voz das fontes, nas suas ogivas elegantes e primitivas, na esparsa saudade de outros espíritos que, em renúncia de amor, ergueram àquele ceu rôxo de violetas a sua reza dolorosa—a alma esplêndida e cristã da luz, o misticismo do sol dourado, a prece andrógina dos crepúsculos em que o dia e a noite vem receber de Deus o seu baptismo melodioso. Momento único da minha vida, por graça do amor e da luz, sentia a minha alma purificar-se de todas as impurezas mundanais e, numa elevação litúrgica, cheia dum fervor primitivo, erguer-se a Deus, ardendo num puro êxtase doloroso. Ao pé de mim, Beatrix, de dedos entrelaçados, rezava em silêncio uma prece devota e amorosa, numa atitude ascética, composta, dir-se-ia, por um frade-pintor, que herdasse a chama penitente da arte de Fra-Angélico. Descia a luz sôbre o claustro num vôo de perfumes inebriantes, duma fluida lucidez azulada, saudosa dos jardins edénicos onde ela se purifica por milagre amorável. Essa manhã era dum encanto humilde e bíblico, lêdo e exultante, suscitando pensamentos duma serenidade feliz, onde a vida, como um ritmo inicial, se abandonava. Oh! o silêncio sacro, perfumado e esparso do claustro ogival! Nesse momento revelador a asa do tempo roçava numa sonolência langue as nossas bôcas,



onde ardia a promessa rubra da vida. Na penumbra dos ângulos, aonde a manhã não conseguira ainda estender a sua sêda luminosa, as ogivas indicisavam-se religiosamente e, na sua sombra, a sugestão da hora sagrada fazia surgir, num pezadelo, morcegos esvoaçando. Porque a nós dois, evocado pela religiosidade do ambiente, nos amedrontou o fantasma tôrvo do tempo, — a ronda imponderável das horas girando sempre num ritmo claro e sereno, em que soluçam dôres e risos alvorecem na mesma alba cristã para se extinguirem em cinza, como todas as mentiras do mundo. No claustro idílico, o ritmo dos fuzos das Parcas por momentos pairou no alto, como um soluço... Beatrix, flexuoso corpo de Colombina onde arde um místico espírito de noviça, sentia erguer-se dentro de si uma fala misteriosa e litúrgica, — a voz do tempo que tudo destroi e desfaz e queima... Como uma flôr espiritual, a saudade do passado enchia o claustro idílico e sereno. Em outros tempos em que a vida seria pura, simples e lírica, por ali andariam as monjas na sua faina cristã, às manhãs azues, em que a luz resplandece como um cristal puríssimo, regando as flôres num rito terno e comovido. E nós sentíamos, nessa hora evocadôra e apaixonada, o perfume dessas flôres que murcharam, o perfume eucarístico e religioso das rosas, dos lírios, das magnólias, que resumiram, no seu destino frágil, a vida das almas enclausuradas e místicas.

Sôbre uma lágea, em letras góticas, uma inscrição tumular: 1635... Como se abismasse as suas pupilas num espelho mágico e sibilino, Beata Beatrix parou diante daquela data; e, obedecendo a um sentimento romântico, numa atitude esvelta e patética, ela levantou ao céu as suas mãos sonâmbulas, agora desnudas, e rezou à alma da madre-abadessa que ali repousava, no ambiente aromoso do claustro gótico. Na verdade, como num cofre de sândalo onde se fechassem amorosamente todos os beijos de todos os amantes, aquele claustro dir-se-ia viver, à margem do tempo, uma velhice amável e mística onde todas as horas mortas de oração, de felicidade devota, de beatitude espalhavam seus perfumes misteriosos. Naquela manhã um espírito virginal pairava no ceu... Uma amorosa anunciação descia na luz azulina e velada, claridade tão transparente e devota como a que aureolava Jesus nos seus milagres. Finda a prece, Beatrix, naquele ambiente místico,



trajando parisinamente com uma elegância de infanta eslava, mais me evocava o contraste de sua alma religiosa e penitente errando num mundo frívolo, paradoxal e fútil.

— Viver numa casa onde houvesse um claustro... E ter um filho, meu amor!

Oh, o milagre amoroso daquela manhã esplêndida e do silêncio do claustro gótico! Minha companheira amorável, que em sua meninice brincara com bonecas de *biscuit*, sentia naquele momento a alegria humana, funda e magnífica de ser mãe, o desejo divino da maternidade. Sua ironia frívola emudecera. Assim os seus beijos não se abriam agora em orgulhosa flôr, mas punham nos meus lábios um mel amoroso e extasiante. As suas mãos eram castas como as duma tocadora de órgão.

Na ascensão gloriosa da luz, a fonte do claustro musicizava na penumbra uma reza virginal e benta, evocando-me canteiros de lírios edênicos. A ameaça trágica do tempo parecia immobilizada no êxtase melodioso do ceu, na unção puríssima do claustro, nos perfumes revôltos do jardim monacal. Naquele momento sonóro, e cheio de beatitudes, as nossas almas dissolviam-se na luz como um perfume e tudo em volta, impregnado do nosso amôr, louvava a alegria casta de beijar. Por isso o beijo de Beatrix alembrou-me um mel divino em que se dissiminassem o misticismo do ceu, o perfume dum vôo de rôla, o canto vespéral dum órgão... Religioso beijo, em as nossas almas ergueu-se a lôa da hora piedosa. Lentamente, no grande silêncio eucarístico, um sino começou a tocar numa melodia tão dôce e elegíaca como um canto de pastoral. Então tudo se immobilizou numa beatitude feliz: êsse momento tinha uma religiosidade de mãos erguidas, tudo se prostrava, rezando, diante da paisagem oculta... A hora de azul e de piedade, a hora humilde e cristã resplandecia como um magno milagre. E eu, cheio duma comoção espiritual, ergui ao ceu os versos santos, alacres, e dum perfume primitivo:

*« Venite, exultemus,  
Laudemus Deo  
In psalmis jubilemus ei... »*

Continuava o sino a tanger no abandono luminoso do claustro. A fonte rezava na sombra, como se a alma dalguma



freira se tivesse exilado na sua voz cristalina, cumprindo um encanto amável. No tanque, como uma aspersão de lírios, a luz resplandeceu suavemente... Beatrix, num alheamento triste, calçava agora as luvas; nesse gesto sereno, a esmeralda do seu anel quebrava brilhos esverdeados. A água da fonte caía louvando o silêncio... Nas pupilas de Beata Beatrix ardia uma luz intensa e profunda e os seus lábios sangrentos tinham a dolorida curva duma reza.

Jan. — 1919.

ERNESTO GONSALVES.





: VERSOS :

**M**EU coração infante, com seu bibe de enganos,  
deixei-o junto à porta e junto à porta ficou.  
Depois um certo bando de palhaços ciganos  
que por ali passára, decerto mo roubou.  
Longos meses seguiram e seguiram-se os anos,  
o pobre coração ao meu peito não voltou.

Pelas tardes de outono, nessas longas estradas,  
as caravanas passam a chocalhar os guisos.  
Lá vão, seus bois puxando, e nas barracas fechadas  
claros timbres de vozes e violoncelos de risos!  
E vão, em fila, assim, pelas compridas jornadas  
numa teoria egípcia de hieróglifos em frisos.

Ah! quantos corações, que perdidos do seu rumo,  
não erram toda a noite num caminho deserto?  
Aonde foi o meu? Não adivinho ou presumo,  
não sei onde o levava aquele destino incerto.  
Extinguiu-se, morreu, pálida nuvem de fumo,  
e toda a noite, à espera, fica o meu peito aberto!



**J**ARDIM quadrado, pequenino, e cheio  
de rosas bravas e silvestres vinhas:  
Ali alguêm, tremendo de receio,  
em certa noite ao meu idílio veio.  
Do prédio, o luar divinizava as linhas.

Então falaram alto os roussinois  
no seu falar de complicado enrêdo.  
Passaram quartos, horas. E depois  
o luar se foi sorrindo de nós dois...  
Ali o amor se me mostrou a medo.

Jardim aonde em pequenino poço  
silencioso caía um fio de água,  
como te lembro em rútilo alvoroço!  
Tu eras fresco, eu era ingénuo e moço...  
Ali se começou a minha mágua.

Coimbra, 1919.

JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO.



No mesmo canto da sala a que se acolhera, esperava-a já uma outra máscara, homem decerto. Quem quer que fôsse, porém, ajustára um negro *maillot* de sêda ao corpo, como negras eram as deliciosas babuches que calçára, e o *loup* que lhe escondia a cara. Dum vermelho berrante, estridente, era o gôrro com que coifára a cabeça. Tudo duma distinção banal que conseguira, todavia, enrodilhar os espíritos num comum arripio de curiosidade.

Olharam-se as duas máscaras longamente, como que a penetrarem o sentido das suas impressões. Através do disfarce da bizarra circassiana, fosforavam-lhe os olhos, num geito luminoso de pecado. E êle, vorazmente, a querer surpreender-lhe a intenção, mimou um sorriso contrafeito, artificial, e os dedos incurvaram-se-lhe, como a garra que se estende para uma prêsa esquiva...

Trouxera-o ali a cinza dum velho amor, e já mal se lembrava dele. Pensara que, pelo ciume, despertaria o fogo apagado em Yoclaine, a quem o prendera outrora um capricho passional, todo sensualismos exgotantes e ardentes. E — com surpresa — vira-a sem um estremecimento, com uma glacial indiferença. Não o interessava, positivamente. Em compensação, aquela creatura que tinha ali a seu lado, e que, durante tão longos meses, não fôra mais do que uma adorável e espiritual companheira, começava agora a seduzi-lo com seu raro encanto de mulher. E não sabia como fazer-lho sentir, não ousava mesmo. Porque... Mas não queria saber; aturdi-se no brouhaha das máscaras, que prosseguiam no delírio febricitante da sua despreocupação, alheias a todos os dramas da vida, querendo, por fôrça, esquecer-los, e esmagá-los sob o jugo da loucura, que as ensurdecia.

As serpentinas zebravam o ar, e ensarilhavam-se numa confusão medonha, formando, depois, pequenas montanhas que as máscaras atiravam ao alto, com o bico dos pés, na fugidia ilusão de quem arrasta deante de si os maiores obstáculos, megalómanos que derrubam mundos, gloriosos e omnipotentes como deuses... Lá iam, num feerico cortejo, folgçando, compondo esgares de farça, cantarolando coisas picantes, a visionarem édens de prazeres e paraísos de gôso. Por vezes, sardonizava-lhes a expressão um flamejo de concupiscência, e logo os braços, alongando-se, tomavam pela cinta o primeiro



corpito que se lhes deparava, estreitavam-no contra si, numa fúria de epilépticos.

Os tziganos iam comentando, a seu modo, o fantástico espectáculo que viam em tórno e, já sugestionados pelo ambiente, acompanhavam a musica de berros penetrantes, agudos, que vinham diluir-se na grita medonha que ia pela sala fóra.

As rolhas de champagne estalavam e subiam ao ar, participando da festa com estrondo. E os pares bailavam, bailavam sempre, numa incansável folia, bêbados de contentamento, estuantes de energia. Nos espelhos tremelilhavam centelhas de luz, vaporosas, tão efémeras em seu brilho como a felicidade das máscaras.

Só as duas figuras isoladas se retraíam num inexplicável marasmo. Passara-lhes pela vista uma névoa umbrosa, e seus pensamentos pareciam grimpar para o infinito, como que na gestação lenta de novas paixões. De resto, ela viera também ali para encontrar-se, uma vez ainda, com um homem que amara em idos tempos. O destino das duas máscaras ligara-se, a princípio, pelo mesmo laço de saudade. Mas, ela também, só encontrara ruínas, e um frio crescente a tomar-lhe o coração. Positivamente: o passado era um livro morto, que se não devia esfolhear. Melhor guardá-lo, como uma jóia inestimável, mas inútil... Pareceu-lhe, a êle, que adivinhara num leve encolher de ombros da sua companheira, o geito de quem quer sacudir uma lembrança pesada e inoportuna. Tresvairou-o uma sensação de prazer, uma perspectiva de triunfo... Porque a amava já, à sua esvelta circassiana! Encarou-a com seu olhar veludoso, fixando-a demoradamente, e, ao vê-la liberta da obsessão que, minutos antes, a subjugava, não pôde vencer-se, e, prendendo-lhe as mãos pequeninas entre os seus dedos afilados, beijou-as com uma sofreguidão doida... Para o seu temperamento de emocionista, aquela inesperada revelação tinha o acre sabôr dum fruto raro.

Livres de preocupações, contagiou-os depressa a loucura das máscaras e, irresistivelmente, os dois atiraram-se para o meio da sala, deixando-se envolver pelo redemoinho que turbilhonava em derredor. E, enquanto dansavam, ela ia reconstituindo a comoção em que a lançara aquele beijo ardente, agora agravada pelo contacto do seu corpo. Amá-lo-ia também? A



indiferença com que encarára há pouco o passado, o seu perturbado enleio de agora, tudo lhe parecia dizer que sim. E não seria talvez amôr, êsse velho affecto que os prendia, êsse secreto entendimento em que as suas almas pareciam propositadamente ajustar-se? Começava a duvidar... E recordava certos silêncios penosos que, às vezes, os contrariavam, algum olhar mais demorado em que, frequentemente, se surpreendiam.

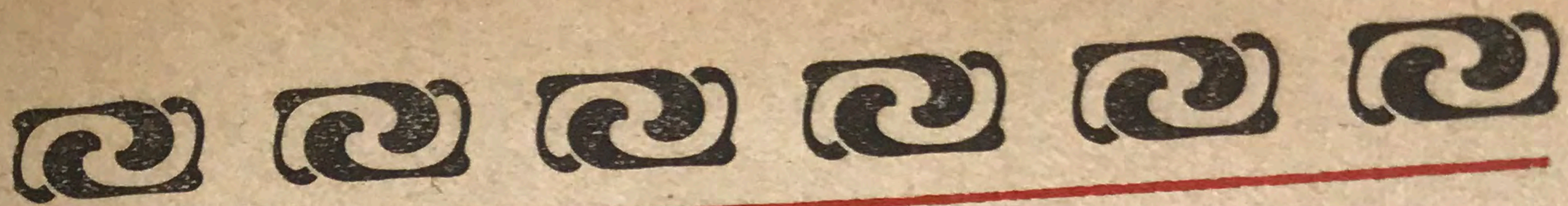
Na sala, a animação não decrescera, e o entusiasmo mantinha-se inalterável, febril, num exacerbamento de prazer que dava a todos os espíritos uma acuidade excepcional. Assim fatigados do cenário em que se moviam, buscavam ansiosamente um motivo que lhes atraísse a atenção, um novo alvo onde fôsse chapar-se a luminosa claridade da sua alegria, — quando, súbito, descobriram, no meio da multidão, a circassiana e o seu companheiro. Imobilizados como se tinham conservado até li, recebeu-os um grito de espanto partido de todas as bôcas. E as máscaras, no seu desatino, explodiram num clamôr de vitória, rodearam-os, e levando-os em braços, espalhavam, como um pregão de assombro, que Satan se apoderara emfim daquelas almas. Abria caminho ao infernal cortejo um trôpego Fausto. Os violinos, ao fundo, desfibravam-se numa melodia carnal e lúbrica. E, de todos os lados, se levantavam exclamações de Triunfo. As serpentinas envolviam, mais e mais, os dois amantes. As máscaras apertavam o círculo de ferro. Aclamados ruidosamente, num frenesi de loucura, num destrambelhamento crescente, êles sentiram-se, irresistivelmente, um do outro.

E naquele labirinto fieveroso, por entre o ruido das taças que estilhaçavam pelo ar com o reverbero luciolante de espadas em continência, as duas bôcas uniram-se num beijo nupcial e supremo!

Lisboa, entrudo de 1919.


LUIS VIEIRA DE CASTRO.





: SONETOS :

I

ALOU-SE tudo, deram as Trindades!  
Não pode haver momento mais sagrado!  
Hora das meias falas, das saudades,  
Dos místicos segredos em noivado.

Além, pelos caminhos das herdades  
Nem se ouve o triste chocalhar do gado;  
Calou-se tudo, deram as Trindades!  
Talvez até falar seja pecado!

Voltam do campo os tristes lavradores;  
Há mães que embalam filhos a chorar;  
Ouvem-se além canções de trovadores.

Depois... ninguém, a noite, o esquecimento!  
Cala-se a gente para ouvir falar  
A voz de Deus, que é a voz do Pensamento.



## II

**A** atitude saudosa de quem chora  
Passas o tempo sem ninguém te ver!  
O tempo? sim, melhor não sei dizer,  
Essa coisa contada hora por hora.

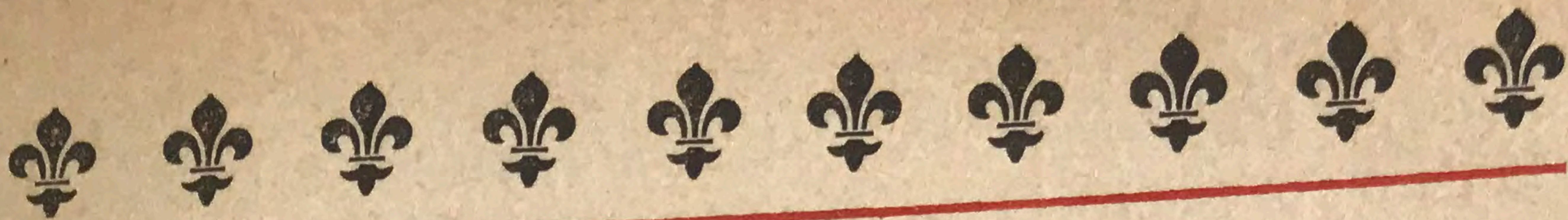
Eu sou a causa dêsse teu sofrer...  
É minha a culpa, bem o sei; embora!  
Continuarei a amar-te como outrora,  
Muito em silêncio, sem ninguém saber.

E quantas vezes, noite morta, a sós,  
Eu julgo ouvir em sonhos uma voz  
Cantando lá por fora, no jardim...

Depois acordo; mas que voz aquela!  
E fico d'olhos postos numa Estrêla  
Que é a tua imagem a passar por mim.

ALFREDO BROCHADO.





## : GEÓRGICA :



INHA fechado os olhos e via, na tela do veludo preto do meu mundo interior, inúmeras fórmulas geométricas, luminosas e latejantes. Quando depois levantei as pálpebras, um Anjo de grandes asas pensativas, como a «Melancolia» de Alberto Dürer, viéra sentar-se quietamente junto de mim.

— Escreves, disse êle. Eu respondi:

— Escrevo.

Olhavamo-nos com infinita curiosidade. Pela frincha das janelas entreabertas vinha uma nesga de sol, e alongava-se no chão como uma fita de lume pálido. O Anjo apoiára a face na mão direita, e aquela atitude dizia todo o seu desalento.

Ele tornou:

— Escreves, e sofres, e todo o teu trabalho é inútil. Não crias nada, não fazes nada de novo. Melhor seria cruzar os braços. O que tencionas realizar?

— Sei lá! Um poema, uma epopeia, uma coisa grandiosa e sublime. Espantarei as multidões, serei adorado pelos poetas, viverei no meio do êxtase dum povo. Serei lembrado e recordado. E quando morrer, virão depôr-me sôbre o túmulo corôas de louros e braçadas de rosas. Basta para isso que escreva tudo o que ainda há pouco imaginava. Cerrava os olhos e idealisava uma obra-prima. Para que vieste? Retira-te, peço-te, e não interrompas o meu trabalho.



O Anjo sorriu, num grande sorriso de incerteza e de desdem. Depois, pousando sôbre a mesa uma ampulheta de pó de ouro, retorquiu:

— Ilusão. O tempo foge, e tu perde-lo.

— Não me interrompas! gritei. Preparo o meu triunfo.

Ele disse:

— Inútil, meu amigo. Os poemas e as epopeias estão feitos. Todos os grandes poetas viveram já, e morreram, e rimaram tudo. Não vale a pena seguir-lhes os passos, e qualquer coisa diferente é impossível.

— Olhei-o então fixamente. Uma grande ruga vincava a sua face triste. Parecia cansado, como quem chega de muito longe. Supuz novamente que fôsse uma alucinação, um pesadelo, um estado febril da minha consciência. Levantei-me, abri as janelas de par em par, para que o fantasma saísse. Imperturbavelmente, porém, o Anjo de asas pensativas permanecia sentado, o cotovelo agora sôbre a mesa, apoiando o rosto. E na mão esquerda, distraído, volteava a ampulheta de pó de ouro fino.

Tornei a sentar-me e falei:

— Pois sim, rasgarei toda esta papelada. Vou queimar todos os versos, destruir todas as laudas. Mas dar-me-has licença, espero, de vencer ainda. Far-me-hei, por exemplo, descobridor. Pedirei uma nau, irei pelos mares desconhecidos, desvendando continentes, ilhas e promontórios. Quando voltar, os reis disputarão sôbre a minha nacionalidade, e o meu peito será pequeno para ostentar a flôr de lisonja das gran-cruzes. Geógrafos darão o meu nome aos estreitos atravessados, às florestas devastadas, aos arquipélagos desertos. A História comentará, em períodos graves e sonoros como o bronze, os meus feitos alevantados e humanos; e a imaginação popular, ao meu redor tecendo a espessa teia da lenda, atribuir-me-há milagres que não fiz, amores que não tive, — ao acrescentar os nomes das princesas que morreram de saudades, enamoradas de mim, em castelos distantes, fabulosos, noutros países, junto ao mar... As gerações vindouras disputarão, em concílios eruditos e afamados, se a minha existência foi uma realidade ou uma mentira. E todas as dinastias régias, pela habilidade subtil dos linhagistas, virão entroncar-se na minha descendência...

Calei-me, ofegante. Deveria ter no olhar um brilho estranho



de vitória. Parecia-me que o Anjo, tão melancólico e scético, não ousaria contestar a verdade das minhas palavras.

Mas êle só respondeu:

— Em vão, meu amigo, tudo em vão. Hoje não há mares que não fôssem já sulcados, nem ilhas por descobrir. Na tua vida de gabinete, ignorante das coisas do mundo, não sabes que as naus acabaram e que os vapores correm as águas, rufando e fumegando. E os próprios reis baqueiam na vetustez dos seus tronos.

— Pois será possível...? Mas não importa, far-me-ei ermita. Irei para um deserto, comerei raizes cruas, fatigarei meu corpo de jejuns e de cilícios, para libertar a alma; e a minha carne será como um velho pergaminho. Devotos virão de longes terras, para vêr-me, para tocar-me. Curarei os leprosos, darei vista aos cegos. Deus escolher-me-á como seu filho dilecto. As caravanas atravessarão as areias, só para levarem uma relíquia da minha soturna caverna, que curará dos maus-olhados. E a Igreja, maravilhada de tanto heroismo, marcará meu nome num dia do calendário. E quando, no isolamento das celas, os monges desfalecerem ao avisinhar-se o demónio, bastará que se lembrem do meu exemplo, para progredirem; e o meu nome, dito trez vezes, afugentará os chacais e as panteras. Terei, além disso, promessas e ex-votos...

Olhei então para o Anjo das asas pensativas. Tinha levado a mão à cabeça, num geito de assombro incontido.

— Uf! Mas és doido, meu amigo, pela fôrça! O tempo de Santo Antão passou já. E para o êxito da tua fé, seria precisa muita humildade, que não tens, e renunciar a essas mundanas recompensas, o que não pôdes.

— Então, então? perguntei. Ah, espera, espera ainda. Porque não serei um grande general e não vencerei batalhas e torneios? Sôbre o meu cavalo árabe, de esbeltos flancos, derrotarei as hordas infieis. Serei um cavaleiro da cristandade!

O anjo sorria.

— ... E na tarde ensanguentada da vitória, sob um pálio de bandeiras pandas, esperarei ansioso a esposa do vencido. Porque ela virá, trémula Mona Vana, pagar-me o apetecido tributo na sua nuêsa fulva, loura e delicada!

O anjo ria ainda. O dia declinava lá fora, morno e preguiçoso.



— Ou um grande homem do mundo, um dandy, um  
suntuoso! Legislava a moda, o talhe das casacas, a flôr da  
lapela, o jôgo de cartas mais diabólico. .

O anjo ria sempre.

—... Ou então, debochado e bacante, fugiria para as  
florestas da Arcádia, tocando frauta, com os cabelos enramados  
de parras e de rosas. Ninfas acudirião á melodia desperta;  
e enlaçando seus virgens corpos, de âmbar e marfim, sob  
caramanchões idílicos...

E o anjo ria perdidamente.

— Como poderás ser um homem do mundo, disse, sem  
ser um entediado ou um escroc? E como queres ressuscitar, no  
nosso século, as imagens poéticas do paganismo? E como  
queres ser um general flamante, nas guerras do nosso tempo?

Levantára-se. O sol já não entrava pelas frinchas das ja-  
nelas. Ele tomou a ampulheta, deu uns passos na sala...

— Um momento, espera! disse. O que posso eu fazer  
para que deixe o meu nome sob uma auréola de triunfo?

Ele murmurou quáse silenciosamente:

— Para quê a glória, meu amigo? Queres antes um ín-  
timo triunfo, consolador e forte?

— Por Deus, fala!

— Sê pois um lavrador, um agricultor, um homem da  
terra. Estudarás a época das sementeiras, da póda e das  
transplantações. Irás ajudar às vindimas, no ouro calmo das  
tardes de setembro. Sob as oliveiras, contemplarás o trabalho  
dos varejadores. Disporás as colmeias para as abelhas, mar-  
carás os regos para as águas, os bolbos a introduzir nas cepas,  
cantarás nas desfolhadas, ou ao sol das ceifas, ou pela apanha  
dos frutos do outono. Perfumada pela flor das amendoeiras,  
pelo pó dos trigos, pelo acre sabor dos pomos luminosos das  
larangeiras, a tua alma refflorirá, sem tédios nem desfalências.

Ele calára-se. Deu mais uns passos no quarto, alados  
quáse e mui sutis. Desapareceu.

Tornei a fechar os olhos. E na tela do veludo preto do  
meu mundo interior, surgiram novos mundos estranhos, late-  
jantes e luminosos.

Coimbra, 1919.

SIMÃO ESCÓRCIO DE BERENGUER.





: DO "POEMA DA TENTAÇÃO," :

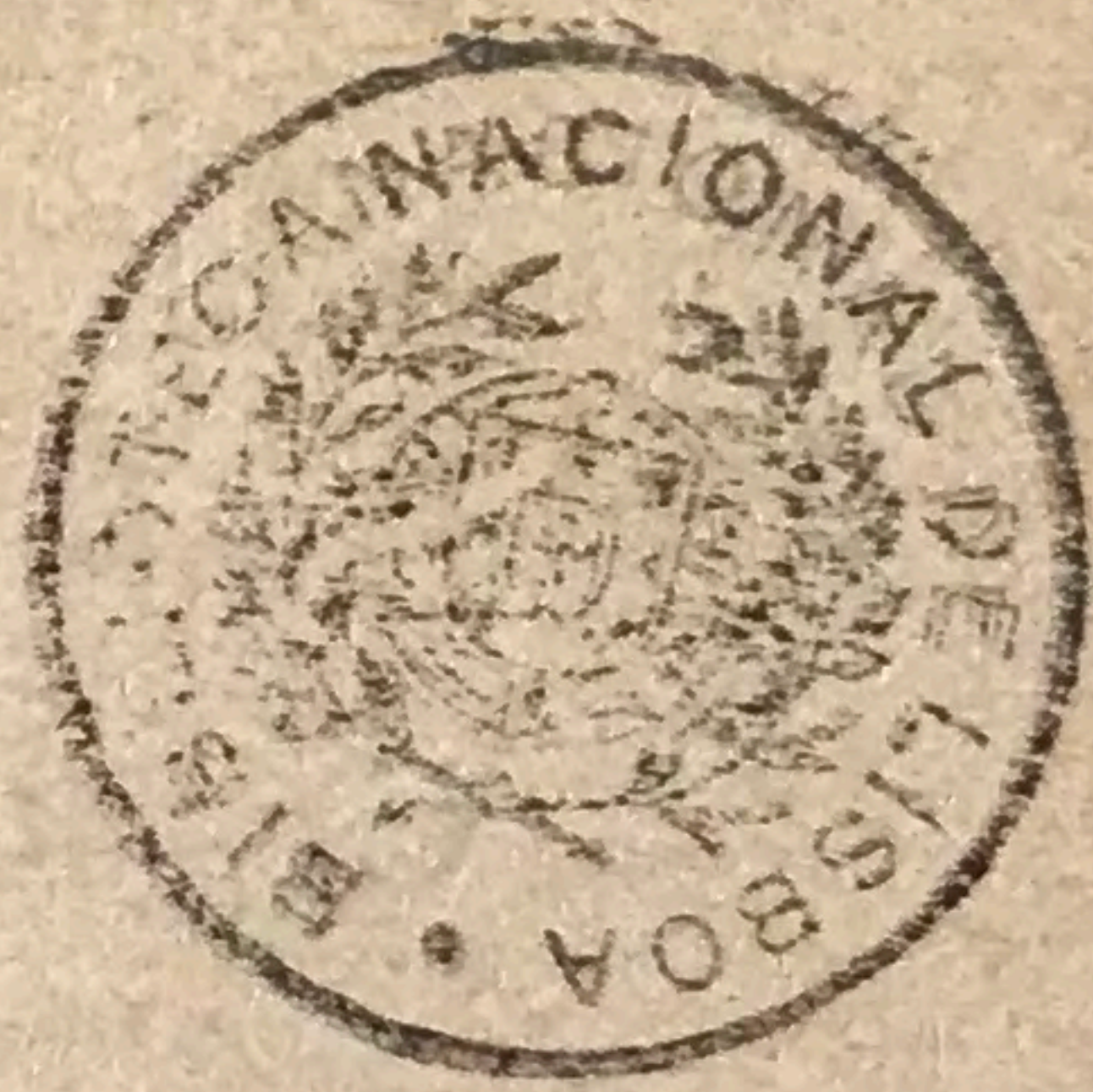


COM timbres de oiro em ritmos desusados  
Cantou a Voz Divina em versos meus,  
E em momentos alheios e exilados  
Colhi da minha bôca a voz de Deus...

O meu orgulho humílimo, assim  
Alembra certo Rei fechado num castelo...  
E eu não quizera sentir Deus em mim...  
Quizera sê-lo.

Fechar o ceu inteiro nos meus braços!  
— Ó minha alminha de olhos nos espaços,  
Pequenino poema de humildade...

A glória? A vida? Ai como Deus nos fez pequenos!  
Como é inútil tudo quanto é menos  
Do que criar também a eternidade!







## ROMEIROS do Ideal

Meus gestos peregrinos se exilaram...  
Tiniram luz em longes de cristal  
E em espelhos de mentira se espelharam...

Contrico,  
Minha alma traz Jesus-Crucificado!  
Senhor meu Deus! O meu desejo em grito  
Cegou de luz meus olhos de abismado...

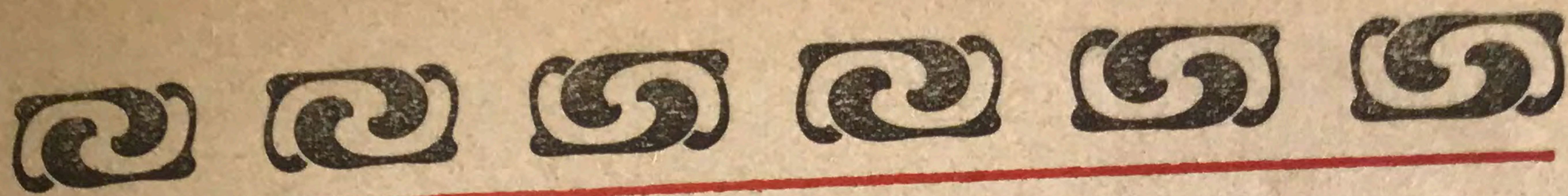
Orgulhos e vaidades que eu ergui  
Cairam de tão alto aos pés de ti,  
Jesus!

Senhor! Senhor! Tua presença em mim  
Quebrou-me as altas Torres-de-Marfim  
Em estilhaços de luz!

Coimbra. — 1919.

AMÉRICO CORTEZ PINTO.





CARTA INÉDITA  
: DE CAMILLO :

A JOSÉ CARDOSO  
VIEIRA DE CASTRO

*Meu Vieira de Castro.*

**I**MAGINA-ME a encaixotar 4000 volumes em cinco dias! Em que estado de abatim.<sup>to</sup> eu chegaria á noite! Depois de jantar, apenas podia resistir uma hora ao cansasso. Deitei-me em Lx.<sup>a</sup> regularm.<sup>te</sup> ás 9 da tarde, e levantava-me ás 6 da noite, que os astrologos da aldeia chamam 6 da manhan. Isto não me absolve de ser um grande selvagem de que te peço desculpa.

Perguntas-me que livro meu está no caso de ser tradusido por pessoa de tanto nome e boas letras como é o Snr. D. Fernando de los Rios. Sinceramente te respondo q̄ nenhum.

Tamanhas futilidades devem esquecer e morrer na lingua original.

Lembro-te que indiques a S. Ex.<sup>a</sup> os bons livros portugueses que conheces.

O Innocencio marca pouco mais ou menos os preços que eu ponho á margem dos livros que queres vender. Ahi quem compra essas velharias é o Rodrigues do Pote das Almas; mas dá pouquissimo. Não lhe posso chamar infame judeu, por que nasceu gallêgo.

Os livros estão ao par com o credito português.



Os Diarios valem m.<sup>to</sup> q.<sup>do</sup> são procurados, e pouco se são offerecidos. Eu tenho m.<sup>to</sup> disso a monte.

Se vais para o Brazil, acharás lá mais alto preço. Noto porém que te desfaças de Faria e Sousa q̄ ainda é estimado dos eruditos

Mandei-te entregar um cathalogo de livros q̄ ahi hão de ser arrematados em dezembro. Se queres ver o valor d'elles, vai lá. Hoje ninguem lê p.<sup>a</sup> se instruir, meu filho. A falta de estudos classicos enfariou de todo o paladar desta mocidade que se contenta de ser admirada como ôca e inintelligivel. Ella tem razão. A arte é longa e a vida breve. Vivamus dum licet bene esse, dizia Mestre Petronio que sabia viver e beber; mas tambem poetava admiravelm.<sup>te</sup>.

Por aqui estou a rusticar no nabal e na horta da couve gallêga. D. Anna cria galinhas e canarios. Os pequenos tocam Zabumba, e o M.<sup>el</sup> está ainda na cama queimado.

Dom.<sup>o</sup> faz 3 annos que tu ouviste aqui pregar um missionario, q̄ te não edificou grandem.<sup>te</sup>.

Peço os meus respeitos para tua Ex.<sup>ma</sup> Senhora, e lembra-te do teu

velho am.

C. Cast.<sup>o</sup> B.

(A publicação d'esta carta foi amavelmente autorisada pela illustre familia Vieira de Castro).



## EXPEDIENTE

Por falta de espaço, somos obrigados a retirar deste número prosa de Albino de Menezes e de Tristão Dias de Aguiar.

Devido às férias escolares, «Ícaro» só reaparecerá em outubro.

No próximo número publicaremos uma carta inédita de Castilho.



Edições de "Ícaro," a aparecerem brevemente:

**ALGUMAS RIMAS & SONETOS**

por Cabral do Nascimento.

**ADOLESCÊNCIA DAS FONTES**

por Ernesto Gonsalves.

**O SÊLO DA ALTA-RODA**

por Luis Vieira de Castro.



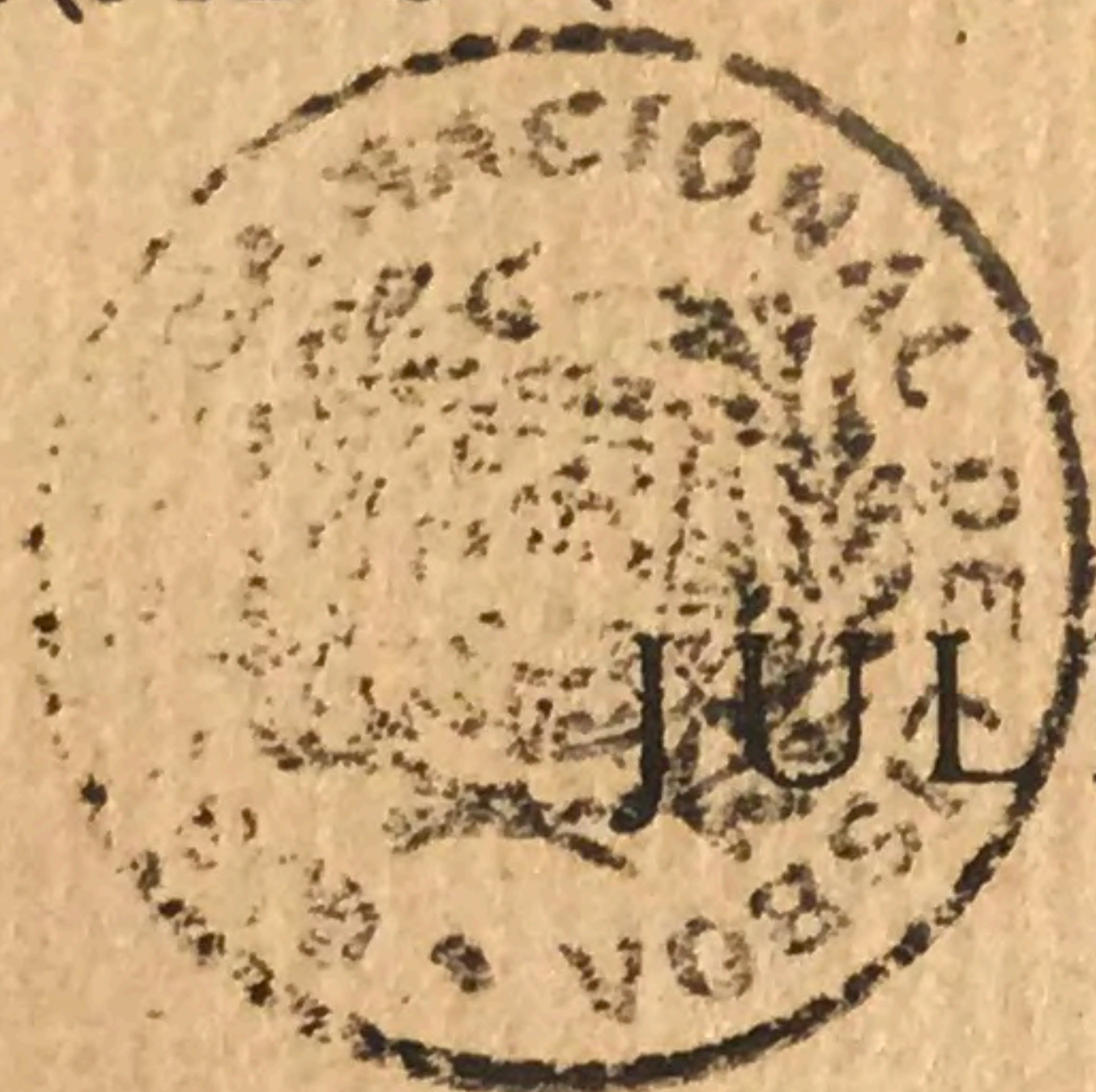
DIRECTOR: Ernesto Gonsalves.

SECRETARIO E EDITOR: Luiz de Vasconcelos.

FUNDADORES: Cabral do Nascimento, Vieira de Castro, Alfredo Brochado e Cortez Pinto.

ADMINISTRADOR: Vicente de Gouveia (Rua de S. Salvador, 2).

N.º 1



JULHO DE 1919

ANO 1.º

## SUMÁRIO

“Ícaro”.

Canção do Amor Enlouquecido. . . . .	TEIXEIRA DE PASCOES.
Matinas . . . . .	ERNESTO GONSALVES.
Versos . . . . .	CABRAL DO NASCIMENTO.
A Vertigem. . . . .	LUIS VIEIRA DE CASTRO.
Sonetos. . . . .	ALFREDO BROCHADO.
Geórgica . . . . .	SIMÃO ESCÓRCIO DE BERENGUER.
Do “Poema da Tentação” . . . . .	AMÉRICO CORTEZ PINTO.
Uma carta inédita de . . . . .	CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

Toda a correspondência relativa á redacção deve ser dirigida ao director, Rua de Thomar, 3.

Preço: 250 reis